

Pra não dizer que não falei das flores

Elisangela Araújo

Provavelmente, as mulheres que chegaram ao trabalho no dia 08 de março receberam como lembrança uma rosa. Para algumas essa é uma expressão machista, outras acham uma forma vazia de mostrar seu apreço e apoio as conquistadoras de várias gerações. Há as que gostam e se sentem contempladas pela força e delicadeza da rosa. Os pequenos corpos arrancados da terra, desfolhados e limpos, entregues em buquês ou em arranjos solitários não me incomodam. A rosa tem força alegórica ao longo da história humana, é o cálice simbólico da vida, do amor, da alma, do que vai a nossos corações. A rosa é uma flor mística, por isso, as rosas não me incomodam.

O que me incomoda e me indigna são os dados assédios em bares, baladas e casas noturnas, que atingem 66% das mulheres no Brasil, de acordo com a pesquisa “Bares Livres de Assédio”. Na Bahia, por exemplo, o levantamento realizado pela Rede Observatórios da Segurança mostra que houve um caso de violência contra a mulher a cada dois dias em 2021, ao todo, naquele ano foram 231 registros de agressão de gênero. Isso nos exacerba!

Então, o insulto não está na entrega da rosa no dia 8, mas na suposição de que ela nos fará esquecer a dupla ou tripla jornada de trabalho e o mercado que paga 22% a menos para as mulheres brancas e 46% menos para as negras (IBGE 2022) e que ocupamos apenas 38% dos cargos de liderança no país (Grant Thornton 2021). O agravo está no fato na taxa de desemprego das mulheres na Bahia ter se ampliado em 6,8% na comparação com a dos homens, entre 2012 e 2022, mesmo as mulheres representando 64,4% da força de trabalho do estado (IBGE, PNAD). Por isso que, diversidade e inclusão são elementos chave para um país e um estado que pretende o desenvolvimento.

Não há rosa no quarto do hospital que fará com que as mulheres se esqueçam da violência obstétrica. São inúmeros os relatos de grávidas que foram silenciadas e orientadas para não expressarem suas dores. São inúmeros os relatos de casos em que as mulheres foram deixadas nuas, sozinhas, amarradas, submetidas à episiotomia e a manobras para antecipar a saída do bebê. A pesquisa Nascer no Brasil (Fiocruz, 2012) apontava que 30% das mulheres atendidas em hospitais privados sofreram violência obstétrica, já no SUS (Sistema Único de Saúde), a taxa subia para 45%.

As rosas não falam e nem se calam, as rosas clamam por políticas e por espaços de poder. Nós somos 52% do eleitorado, no último pleito, tivemos 33% de mulheres concorrendo em todas as esferas e elegemos 15% dessas candidatas. Na Bahia, tivemos 253 candidatas a deputada federal, dos 39

eleitos, 5 são mulheres. No senado foram duas candidatas, mas nenhuma se elegeu. O Brasil está abaixo da média dos 187 países no ranking de participação de mulheres na política (TSE-Mulheres).

Para não dizer que não falei das flores, é bom lembrar que a rosa vermelha é símbolo das lutas sociais e dos grupos vulneráveis e minoritários. Daí, é importante lembrar-se de outra Rosa, a de Luxemburgo: “Só uma vida fervilhante e sem entraves chega a mil formas novas, improvisações, mantém a força criadora, corrige ela mesma todos os seus erros”. Ou corrigimos nossos erros e criamos uma nova cultura, ou continuaremos com as notícias de feminicídio, agressões, assédios e todo o chorume que escorre do patriarcalismo.

Como já foi dito, a rosa é um símbolo forte em várias civilizações, talvez seja por isso que quando precisados de encontrar um caminho, os cartógrafos assinalem em seus mapas outra rosa, a dos ventos. Nessa cartografia do hoje, precisamos de um mapa-mundi pensado para mulheres e homens e por mulheres e homens. Então, o que nos incomoda não são as rosas entregues por gestores, maridos, colegas. O que nos abespinha são os ritos por trás do gesto. São os mitos de que com as flores se podem calar a força feminina de transformação que celebra, no dia 8 de março, mais a serrapilheira que fertiliza o solo do que as rosas que iludem o caminho.